

TRILOGIA 2323

# Sobreviventes do Caos

VOLUME 1



» BIANCA GULIM «

TRILOGIA 2323  
SOBREVIVENTES DO CAOS

Todos os direitos reservados ao autor

Bianca Gulim  
*coordenação editorial*

Thaís Carvalho  
*revisão de texto*

Michelle Pereira  
*diagramação e projeto gráfico*  
*adaptação da capa*

Eduardo Viviani  
*arte da capa*

Catálogo na Publicação (CIP)  
Ficha Catalográfica feita pelo autor

C331s

Gulim, Bianca.

Sobreviventes do Caos / Bianca Gulim. — 2. ed. — São Paulo: autor independente, 2017.

288 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-923280-0-9

1. Literatura brasileira 2. Romance Distópico 3. Ficção 4. Série

I. Título

CDD — B869.3

CDU — 82-3/49

*Copyright do texto ©2016 por Bianca Gulim de Carvalho*  
*Copyright da ilustração ©2016 por Eduardo Viviani de Carvalho*

TRILOGIA 2323  
SOBREVIVENTES DO CAOS

BIANCA GULIM

# Zero

Em 2222, um vírus letal varreu a Terra. A morte acontecia setenta e duas horas após a contração da doença. Não demorou muito para a praga alcançar todos os continentes. Meses após a identificação do vírus, metade da raça humana já havia padecido. Não foi possível conter a proliferação.

Os Estados Unidos conseguiram desenvolver uma medicação que controlava os sintomas da doença, ganhando tempo para a procura da cura. Porém, a matéria-prima do remédio era escassa e o governo americano declarou que o medicamento seria usado exclusivamente pelos americanos, se recusando a ajudar outros países.

O caos reinava e não foram necessárias reuniões de Estados para que o restante do mundo resolvesse invadir os Estados Unidos em busca do medicamento que poderia salvar a raça humana da extinção. Uma guerra pela salvação da espécie se iniciou. Ninguém tinha o que perder: sem a medicação, a morte era certa, apenas questão de tempo.

Rumores de que outros países também possuíam tal medicação não demoraram a se espalhar. Assim, a guerra se expandiu dos Estados Unidos ao restante do mundo. Os poucos sobreviventes à doença procuraram o remédio por todos os cantos da Terra.

A guerra terminou o trabalho da praga. Em 2223, não havia mais o que destruir. Não existiam mais recursos para buscar a cura. Poucos eram os sobreviventes, apenas centenas de pessoas espalhadas pela Terra. A essa altura, não foi difícil conter a praga, pois poucos restaram para proliferá-la.

Os doentes foram assassinados e os saudáveis, poupados. Mas poupados para quê? Era o fim de tudo. A raça humana teria que recomeçar sua evolução em um mundo devastado.

# Um

Ano 2323.

É tarde e ainda chove. Saio para a noite mesmo assim, deixando a chuva me molhar. Dizem que água de chuva purifica. Quem sabe? Não custa tentar.

Estou sem blusa e fico com mais frio à medida que avanço na floresta. Mas isso não importa. O frio nem me faz cócegas. Dá apenas para notar, perceber que o sinto.

Passo pelos guerreiros que estão de sentinelas esta noite, eles não ousam fazer perguntas. Minha feição não deve estar nada agradável. Ótimo, é como me sinto.

Avanço um pouco mais na floresta e paro. Olho para o nada, respirando fundo, sentindo os cheiros da mata.

Sinto sua presença antes de escutar seus passos sobre as folhas. Darion é um grande guerreiro e seus movimentos são silenciosos, mas posso escutar cada passo que ele dá.

— O que foi?

O safado me conhece tanto que nem se preocupa em me perguntar se estou bem. Só quer saber se foi alguma novidade que me fez abandonar o alojamento. Talvez ele tema que eu parta em uma missão sozinha.

— Nada. Não consigo dormir — respondo, tentando aliviar a preocupação que eu sabia que mostraria em minha voz.

Nem sei por que perco tempo tentando disfarçar minha dor para Darion. Deve ser a força do hábito.

— Ele vai aparecer. É forte, inteligente e conhece esta floresta mais do que nós dois juntos.

Darion é um cara positivo, sempre pensa no melhor. Eu sempre penso no pior. É uma questão lógica pra mim: se é sempre o pior que acontece, qual o sentido em ficar esperando um milagre?

— Já faz quatro dias. Algo está errado. Você sabe disso tanto quanto eu. Deveríamos estar fazendo alguma coisa.

Passo as mãos no cabelo e depois no rosto, exasperada.

— Celine — Darion coloca as mãos nos meus ombros, se concentrando no meu rosto. Ele espera que eu olhe para ele antes de continuar, e eu o faço — seu irmão sabe o que faz. Ele decidiu ir sozinho até a fortaleza e deu ordens para que ninguém o seguisse. Não podemos arriscar perder essa aliança.

Aliança? Eu não diria que não sermos atacados caracterize uma aliança, mas essa é uma discussão desgastada, não tenho tempo para ela.

— Não posso simplesmente ficar esperando!

Eu me livro de suas mãos e passo por ele, olhando para a floresta escura.

— Celine... — suspira, derrotado. Percebeu que bancar o otimista não vai me convencer. Ele vai apelar, como sempre faz — nós dois sabemos que nosso povo precisa de você. Todos estão assustados com a ausência do líder e a possibilidade de um ataque. Se você sair nesse momento delicado, o desespero reinará. Eles confiam em suas habilidades — Darion me puxa pelo braço, me fazendo olhar para ele novamente — eles confiam em você. Eu confio em você.

Apenas o observo. Seu rosto moreno, seus traços fortes. Os cabelos compridos realçam ainda mais a aparência de índio.

Sorrio de leve. Ele percebe que me convenceu e sorri de volta. Então me puxa pela nuca, beija minha testa e me abraça. Retribuo, me sentindo mais calma. Darion sempre sabe como me acalmar, mesmo que por pouco tempo.

Fico triste ao perceber que este instante de calma existe somente porque sei que, se meu irmão não voltar, não estarei sozinha. Não que Darion possa substituí-lo, é claro. Mas o medo de ficar sozinha é maior do que o medo de que meu irmão morra.

Esses pensamentos me deixam enojada, pois sei que me sentir assim é errado, egoísta. Saio delicadamente do abraço do meu melhor amigo.

— Esperarei mais dois dias. Depois disso, você e eu iremos atrás dele, ok?

Sei que estou pedindo muito. Não é seguro que dois dos melhores guerreiros deixem o acampamento em busca do melhor guerreiro que foi em

missão de paz e ainda não voltou. Mas foda-se. Quero ir atrás do meu irmão, saber se ele está bem. Também me preocupo com meu povo, mas meu irmão está acima de qualquer coisa.

Escuto Darion suspirar. Mesmo discordando de mim, ele vai concordar. Ele sempre acaba fazendo o que eu quero.

— Ok, Celine. Dois dias. Agora volte para o alojamento, por favor. Vou percorrer o perímetro.

Ele vira de costas e começa a caminhar. Eu o alcanço e o abraço, passando meus braços por baixo dos dele. Encosto meu rosto em suas costas.

— Você é sangue do meu sangue, e eu te amo — digo baixinho.

Ele pousa sua mão em cima da minha, que repousa em seu peito.

— Você é uma cretina. Volte logo para o alojamento — sua voz tem um tom divertido.

Dou risada e o solto, retornando ao alojamento. Passo pela entrada e percebo que não chove mais. O silêncio reina, todos estão dormindo. Ainda não sinto sono.

Estou quase chegando ao meu quarto quando escuto Max xingando. Reflito um pouco, decidindo ir até seu quarto. Entro sem bater. Ele está sentado na cama, limpando sua arma. A caixa de munição está aberta, quase vazia.

— Algum dia você vai colocar em prática a possível educação que te deram, princesa guerreira? Aliás, o que te ensinaram quando você era criança, além de encher os outros de porrada? Acho que você entra sem bater para um dia me ver pelado. Não precisa disso, princesa. Se quiser, basta pedir — eu me sento na cadeira em frente à cama, olhando séria para ele. Ele percebe que não estou para brincadeira e seu sorriso some — o que foi desta vez?

Ele deixa a arma de lado e examina meu corpo com calma, provavelmente procurando algum ferimento. Deve achar que eu briguei com alguém. Desde que tivemos que nos juntar com os aligortes, isso acontece com certa frequência.

— Se meu irmão não aparecer em dois dias, eu e Darion iremos atrás dele. Você fica para proteger o alojamento.

Ele joga a cabeça para trás, dando risada. Uma risada de verdade, ele realmente está achando graça. Filho da puta!

Espero em silêncio que seu ataque de riso acabe, apesar de minha vontade ser de socar sua cara.

— Você está falando sério? — ele me pergunta ainda rindo.

Levanto a sobrancelha. Muito ousado esse Max. Eu sou a líder quando meu irmão não está, e ele ousa rir de uma ordem minha. Eu nem sei por que perco meu tempo. Esse filho da puta não obedece ninguém. Desde que mudou de lado, há um ano, vive conosco sem respeitar qualquer hierarquia. O desgraçado faz o que está a fim e ponto. Só está aqui porque meu irmão confia nele.

Decido que não vale a pena discutir com Max e me levanto pra ir embora, mas ele se adianta, me segurando pelo braço.

— Você não vai a lugar algum! — ele vocifera.

Agora sou eu quem dá risada. Ele continua me segurando, me olhando com raiva.

— Me solta — peço com falsa gentileza.

— Prometa que você não vai — ele ordena.

Putá que pariu! É muita audácia. Eu vou matar esse filho da puta!

Uma raiva começa a tomar conta de mim e eu me solto de seu braço, empurrando-o bruscamente. Obviamente, ele nem cambaleia. O desgraçado é forte! Antes que eu termine de decidir socar sua cara, ele segura meu punho, o torce nas minhas costas e usa a outra mão para prender meu outro braço. Não sinto dor, no entanto não consigo me mexer. Tento atacar suas pernas com os pés, mas ele já as tirou de meu alcance.

— Conheço seus movimentos, princesa guerreira. Você é boa, mas eu sou melhor — dou risada. Ele sabe que luto melhor do que ele. Daqui a pouquinho ele vacila, me dando a chance de acertar seu rosto com traços perfeitos — se você soubesse o quanto eu adoro te ver irritadinha desse jeito, não me daria esse prazer — ele sussurra com a boca perto do meu ouvido.

É agora. Seu foco se perdeu e, por um instante, ele se esqueceu da nossa pequena batalha. Com toda minha força, me lanço para trás, fazendo com que ele bata no pedaço de tronco que lhe serve de cômoda. Por sorte, ele bate as costas na quina e me solta, gemendo. Não perco tempo e empurro seu corpo com a minha perna. Ele bate na parede e lá fica. Espero que uma

rachadura apareça no barro pelo impacto, mas as paredes foram bem feitas e nada acontece. Ou eu não o empurrei com toda a força que ele merecia.

— Caralho, Celine!

Ele se agacha, passando as mãos nas costas. Eu me lembro de que seu ferimento ainda não está totalmente cicatrizado. Corro e me agacho ao seu lado, levantando sua blusa para ver o estrago que fiz. Os pontos abriram, e o ferimento sangra.

Max não emite som algum, mas sei o quanto está doendo. Já tive pontos abertos, isso dói à beça.

— Desculpa — digo enquanto o ajudo a se encostar na parede.

Tento me levantar, com intenção de chamar Mario para limpar o ferimento e refazer os pontos, mas Max me puxa pelo pulso.

— Prometa que você não vai — dessa vez ele pede.

Sinto pena dele, conheço a necessidade que ele tem de me proteger. Talvez por sentir que deve isso ao meu irmão, que salvou a sua vida. Ou porque ele gosta de mim mais do que deveria. Abaixo a cabeça, refletindo por alguns segundos.

— Não posso — sussurro.

Estou sendo sincera, eu não conseguiria manter essa promessa. Não sei nem se vou aguentar esperar dois dias.

Max levanta meu rosto pelo queixo, e eu vejo desespero em seus olhos. Ele tem muito medo de que algo aconteça comigo. Sei disso. Posso ver em seu rosto, posso sentir em seu olhar.

Odeio vê-lo desse jeito. Ele é tão metido a fodão, nunca demonstra se importar com nada. Está sempre acima de tudo. Mas, neste momento, ele deixa transparecer o quanto se importa. Talvez de propósito, para me convencer. Talvez sem querer, por não conseguir se controlar.

Ele sempre se controla. Acho que eu sou o único motivo de seu descontrole. Ele sabe que estou sendo sincera, que realmente não posso apenas esperar a notícia da morte do meu irmão.

— Eu vou com você — ele diz com convicção, apesar de seus olhos demonstrarem súplica.

— Está bem — não discuto.

A verdade é que quero que ele vá comigo. Eu me sinto segura com ele por perto. Ele me faz dar risada até nas piores situações. E, mesmo sabendo que o alojamento ficaria menos protegido sem ele, não vou lhe negar isso. Não com ele me olhando desse jeito, implorando em silêncio.

— Prometa.

— Prometo.

Ele me estuda por um tempo antes de se convencer e solta meu pulso. Corro até a enfermaria, peço a Mario que me acompanhe até o quarto de Max com equipamentos para a limpeza do ferimento e a feitura de novos pontos.

Quando chegamos, Max já está sentado na cama, limpando seu ferimento sozinho, com pinga. Se ele soubesse o trabalho que dá para prepará-la, não a desperdiçaria dessa maneira. Mas ele não está nem aí, sua pose de machão sabe-tudo está de volta.

— O que foi, princesa? Achou que podia me derrubar? — seu tom é de pura ironia e seu olhar, divertido.

— Você é um babaca!

Saio rindo e vou em direção ao quarto de Darion para ver se ele voltou de sua ronda, ainda ouvindo Max xingar Mario e dizer que não precisa de ajuda com um *cortinho*. Metido a fodão. Um filho da puta esse Max!

Bato de leve na porta de Darion e entro devagar. Ele já está dormindo, provavelmente percorreu somente o menor perímetro. Sua expressão é séria. Eu me aproximo e beijo seu rosto.

De volta ao meu quarto, me sinto sonolenta. Deito na cama sem me cobrir, apesar do frio. Vejo a imagem do rosto de meu irmão sorrindo antes de cair no sono.

# Dois

Acordo, mas não abro os olhos na tentativa de manter o sonho vivo. Nele, corro na floresta com meu irmão enquanto ele tenta me ensinar como desviar rapidamente dos obstáculos. Sou pequena demais para aprender, e minha mãe, que nos observa, se diverte com o empenho de Julio.

— Ela é muito pequena, meu amor — diz minha mãe ao se aproximar e beijar a bochecha do meu irmão.

— Ela precisa aprender. Precisa ser forte!

— Ela será! Como você, como o papai.

Minha mãe me pega no colo, me beijando no rosto.

Não é um sonho, é uma lembrança. Eu me lembro desse dia. Meus pais ainda eram vivos, cuidavam de mim. Foi antes de nosso pai nos trair. Foi antes de eu ver minha mãe levar um tiro na testa.

A imagem vem à minha mente: minha mãe sussurrando para que eu aguarde firme e sua cabeça indo para trás de repente, com o impacto do tiro.

Eu me levanto em um pulo, me esforçando para expulsar a imagem da minha cabeça, mas ela permanece. Vejo repetidamente a morte da minha mãe diante dos meus olhos. Começo a suar e escuto gritos. Uma garota grita desesperadamente, como se sentisse uma dor enorme. Temo que estejamos sendo atacados.

— Celine! Celine! — escuto a voz de Max, sentindo seus braços me sacudirem.

Abro os olhos e vejo seu rosto preocupado olhando para mim. Logo em seguida, Darion entra no quarto com uma faca na mão.

Ainda não sei por que todas as vezes que eu tenho esse pesadelo Darion aparece armado, pressupondo que eu esteja sendo atacada. Max fazia isso no início. Hoje, ele já sabe que se trata apenas de um pesadelo e que eu grito enquanto ainda estou dormindo.

Max acaricia meu rosto, e Darion respira aliviado. Ele realmente achou que eu estava sendo atacada. Afasto a mão de Max e me levanto rápido,

usando a barra da camiseta para enxugar meu rosto molhado de suor. Darion me olha em expectativa.

— Estou bem.

Ele concorda e sai do quarto. Olho pela janela, percebendo que ainda é noite. Não devo ter dormido nem duas horas, mas já estou a todo vapor.

Vou em direção à porta do meu quarto. Quando algo leve atinge minhas costas, me viro e vejo que Max jogou seu moletom em mim. Aprecio o traje preto, característico da fortaleza.

— Tá frio pra caralho — ele diz ao passar por mim bocejando, voltando para seu quarto.

Visto o moletom e me dirijo lentamente até o portão do alojamento. José abre caminho assim que me vê. Sorrio de maneira falsa. Ele finge não perceber, sorrindo docemente de volta.

Incrível como meus guerreiros me conhecem. Eles sabem os momentos em que devem ficar de boca fechada, sem me aborrecer com perguntas idiotas. Gostaria que o restante de meu povo tivesse a mesma postura. Mas eles não me conhecem tão bem.

Acho que só conhecemos uma pessoa de verdade após passarmos por situações de sobrevivência ao lado dela. São nessas ocasiões que mostramos quem realmente somos. Quando a possibilidade de morrer é grande, nenhum mentiroso mantém sua farsa. Nenhum traidor continua fingindo lealdade. Nessas situações, vemos quem está ao nosso lado de verdade. Quem morreria pelo outro.

Continuo caminhando até que a adrenalina passe. Começo a me sentir um pouco cansada, sonolenta. Isso é muito raro. Deve ser porque não durmo direito desde que meu irmão foi até a fortaleza.

Será que foi uma boa ideia? Quando Julio me disse que iria, eu fui contra, claro. Principalmente por ele querer ir sozinho e desarmado.

O objetivo da viagem era esclarecer à fortaleza que não iniciamos mais uma guerra. O que mais queremos é paz. Tivemos que ajudar os aligortes, senão o povo da areia acabaria com todos. Meu irmão deu a ordem para intervirmos. A missão era diminuir as mortes, mas o povo da areia não nos deixou pacificar a luta e fomos atacados também. Tivemos que matar alguns.

Os sobreviventes perceberam que não tinham chances e se renderam. Deixamos que fossem embora porque eles nos convenceram de que estavam cumprindo ordens, sem saber o motivo do ataque. Ao serem questionados, os aligortes disseram também não saber por que foram atacados.

Isso está zunindo na minha cabeça. É tudo muito estranho. O que fez o povo da areia viajar por tanto tempo para atacar os aligortes?

Eu não gosto dos aligortes. Povo falso. O líder me dá nojo e seu filho quase me faz vomitar. Povo escroto! Fingem querer a paz, mas no fundo são gananciosos por poder.

Na verdade, tenho pena do povo aligorte. Os líderes é que são uns filhos da puta. Com certeza fizeram algo para incitar a ira do povo da areia.

Outra coisa esquisita: o povo da areia mandou apenas alguns guerreiros para o ataque e eles pareciam não ser dos mais fortes, em comparação aos lutadores cruéis que já enfrentamos. Sei que eles poderiam ser melhores, já presenciei isso.

Pensando bem, acho que gosto menos ainda do povo da areia do que dos aligortes. Eles matam sem dó, são o maior risco para nossa paz. Qualquer conflito e eles usam a violência.

Ok, estou sendo um pouco hipócrita. Eu sou a primeira a recorrer à violência quando algo me tira do sério. Mas não saio matando por aí. Que comparação esdrúxula, eu e os guerreiros do povo da areia!

Sim, já matei alguns. Mas somente quando muito necessário. Eu acho.

Onde será que está meu irmão agora? Por que ainda não voltou? A fortaleza o manteve preso? Será que nos culpam pelo conflito?

A fortaleza é engraçada. Diz repudiar a guerra, a violência. É a favor da paz, da harmonia entre os povos. Mas o que fazem os de lá quando alguém coloca em risco nossa paz? Matam! É uma ótima forma de repudiar a violência: punir os infratores com a morte.

Sorte que eles detêm tecnologia. Senão, todos os povos já teriam acabado com essa porra de fortaleza. Bando de filho da puta! Ninguém é aceito, ou nasce lá ou nunca será considerado de lá. É o jeito que eles acharam para manter a linhagem pura. Deve ser por isso que Max nunca quis voltar.

Percebo que a raiva que sinto dos povos mais uma vez toma conta de mim e vejo claramente a imagem do meu irmão me repreendendo: *Não mantenha esse ódio dentro de você, isso te faz mal. E não generalize. Já que vai odiar, odeie quem toma as decisões que você julga erradas. Um povo não tem culpa das decisões que seu líder toma. Estão apenas vivendo, seguindo as regras que lhe foram impostas. O que eles podem fazer? Às vezes, nem sabem o que seus líderes fazem. Às vezes, temem se rebelar e acabarem mortos. Não seja injusta. Coloque em prática o que mamãe nos ensinou.*

Odeio essa última parte. Eu queria ser como minha mãe: doce, alegre, leve... Fico pensando se eu seria assim, se não visse minha mãe morrer na minha frente, se não fosse torturada aos nove anos para revelar informações que eu desconhecia. É, acho que hoje eu seria uma garota de dezenove anos doce, alegre e leve. Eu seria como ela.

Sacudo a cabeça, espantando as lembranças. Não gosto de me lembrar da minha mãe. Sempre que o faço, acabo revivendo sua morte.

Olho em volta e noto que já amanheceu. O tempo passa rápido quando paramos para pensar na vida.

Volto para o alojamento e decido conversar com Diná antes do treinamento. Ela já está acordada, perto da enfermaria. Os velhos têm mania de acordar muito cedo.

Ela não precisa se virar para notar minha presença.

— É cedo demais para perguntas, menina.

— Diná, é sério! Algo está acontecendo. Você não achou estranho o ataque do povo da areia aos aligortes? — pergunto, me colocando na frente dela.

— Todo ataque é estranho, Celine. O que falta é amor no coração dessas pessoas.

Nossa, que raiva. Eu amo Diná. De verdade, de todo o meu coração. Mas sinto vontade de dar um tapa na cara dela quando ela vem com essa história de amor.

— Eu sei, Diná. O amor é o que nos salvará. Agora, deixando o sentimentalismo de lado, podemos focar na estratégia? Qual o objetivo do povo da areia em mandar alguns guerreiros atacarem os aligortes? Eles não são o povo mais forte, eu sei. Mas têm muitos guerreiros. Não faz sentido o povo da

areia arriscar um ataque pequeno. Por que não vieram com mais guerreiros ou com os melhores? Isso é estranho. E outra coisa: por mais que os poucos guerreiros do povo da areia conseguissem dominar todo o povo aligorte, que é o que estava acontecendo antes de intervirmos, eles deveriam saber que nós ajudaríamos os aligortes. O líder do povo da areia deveria saber que meu irmão fechou uma aliança com os aligortes em busca de paz. Você não acha?

— Desculpe, menina. Eu me perdi em tanta estratégia, poderia repetir?

Que engraçada! Ela escutou tudo muito bem. Respiro fundo para não gritar com a pessoa mais doce e amável que eu conheço. Ela só quer *purificar meu coração*, como ela mesma sempre diz.

— Ok, Diná. Responda uma coisa, você conhece o líder do povo da areia? Sabe quem é?

— Ninguém o conhece — Diná me responde séria, sem olhar para mim, enquanto continua limpando o algodão colhido ontem, que em suas mãos hábeis se tornará linha para tecelagem em breve.

— Caralho! Se pelo menos eu soubesse como ele é, eu poderia tentar supor o motivo do ataque. Eu sei que Jafar lidera os aligortes em busca de poder. Sei que a fortaleza busca paz. De uma maneira torpe, mas busca. E o povo da areia, o que quer? Pelo que seus guerreiros lutam? Vocês, velhos, não deveriam saber das coisas para ensinarem aos mais novos? — pergunto com petulância.

— Seu irmão é um grande líder. Sua alma é nobre e seu corpo, forte. Ele sabe o que é certo. Sabe o que fazer para garantir a paz ao nosso povo. Eu sei que devemos confiar nele. Você confia em seu irmão?

Agora ela olha para mim, e eu preferia que não o tivesse feito. Diná sempre sabe o que falar. Não tinha uma pergunta mais filha da puta para me fazer.

— Confio — digo baixo, ainda olhando para ela.

— Se algo estivesse errado, você não acha que ele saberia?

Então tudo fica claro. É óbvio que algo está errado. E é óbvio que meu irmão percebeu.

Conforme esses pensamentos tomam forma na minha cabeça, arregalo os olhos e encaro Diná. Sua feição continua pacata, e eu não perco tempo.

Saio correndo em direção ao centro de treinamento. Procuo por Darion, mas não o encontro. Avisto Max.

— Max! — grito, e ele olha pra mim, vindo em minha direção — Vem cá — digo assim que ele me alcança, o levando para um canto onde os alunos não possam nos escutar — lembra quando eu te disse que algo estava errado? Que o ataque do povo da areia não fazia sentido?

— Porra, princesa. Esse povo só quer sangue. São uns loucos. Não te falei que nem a fortaleza consegue contê-los? Eles fazem o que querem e pronto. O Jafar deve ter comido alguém de lá e o corno veio cobrar.

— Para de brincar, seu filho da puta! Você conhece meu irmão, não conhece? Se algo estivesse errado, ele perceberia, não é? — pergunto séria, fazendo Max ir diminuindo o sorriso aos poucos.

— Perceberia. É esperto, o safado.

— Ele percebeu! Por isso saiu do alojamento. Por isso ainda não voltou. Ele disse que foi até a fortaleza para ganhar tempo. Sabia que eu perceberia também, achou que deveria agir antes disso. Alguma coisa está muito errada, Max.

— Você acha que tudo gira ao seu redor, não é? Acha que seu irmão partiria por achar que você poderia perceber que algo está errado? — ele me olha curioso.

Que vontade de dar um soco nele. Aperto o punho, fazendo cara de muito brava. Ele me olha com petulância, como se dissesse *vai me bater?* Apesar da raiva, continuo discutindo com o desgraçado.

— Não só por isso. Ele saiu para tentar resolver, seja o que for que está errado, antes que eu percebesse e tentasse ir junto ou quisesse resolver sozinha. Sei lá, porra. Cadê o Darion?

— Não sei. Ele se esqueceu de me avisar. Vou brigar com ele. Já disse pra ele me avisar cada passo que der...

Max continua as piadinhas, e eu continuo refletindo sobre tudo.

— Espera — interrompo — você disse que nem a fortaleza consegue conter o povo da areia?

— Sim. A fortaleza repreende qualquer forma de violência que possa gerar uma guerra, eles a temem. E o povo da areia adora uma violência, um ataquezinho a outro povo...

— E por que a fortaleza não os impede? Por que não os punem com a morte, como fazem quando um dos povos incita a guerra? — interrompo Max mais uma vez.

— Porque eles são muitos, Celine. Estão espalhados pelo mundo todo. Não se sabe até onde eles foram. São bárbaros. Não têm piedade. Provavelmente a fortaleza teme que, ao atacá-los, acabem perdendo o combate. Na dúvida, os deixam por lá.

— A fortaleza é o único povo que tem tecnologia, armas de fogo. Não faz sentido temerem um combate. Nada faz sentido. Que merda! Eu odeio não ter informações! — digo e levanto os braços, entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

— Calma, Celine... — Max coloca as mãos nos meus ombros. Ele percebeu o quanto estou nervosa — O que aconteceu para surgirem tantas dúvidas? Só o ataque? Ou tem algo mais? — ele me olha desconfiado.

— Não sei, Max. Eu sempre tive minhas dúvidas. Algumas coisas nunca fizeram sentido, mas eu nunca precisei pensar muito a respeito. Desde que meu irmão negociou a paz, as coisas pareceram melhorar. Agora, com meu irmão sumido, as dúvidas não param de surgir. Nada mais faz sentido.

— Está com medo porque seu irmão não está aqui para te proteger?

No começo eu acho que é uma brincadeira, no entanto Max olha sério para mim.

— Eu ouvi mesmo isso? Pareço o tipo de garota que precisa de proteção? — estou estupefata com a pergunta.

Não é nem um pouco do feitio de Max me perguntar algo tão idiota. Ele sabe o quanto sou forte. Sabe que não preciso que me protejam. Eu protejo as pessoas!

— Relaxa, princesa. Vai que você está tendo um surto existencial. De repente... acontece! — que cretino. Saio andando, mas ele me puxa pelo braço — Ei, guerreira. Calma, não precisa sair andando. Agora é sério. Eu confio no seu julgamento, apesar de achar que você tem pouca idade para especular tanto assim. Vamos lá. Está com dúvidas? Faltam informações?

— Sim! Não é óbvio?! — grito, mas Max parece não se importar.

— Então vamos recapitular o que sabemos, para entendermos o que nos falta saber, para buscarmos a informação — faz muito sentido. Parece ser

um bom plano, além de óbvio. Nada como calma para conseguir pensar direito. Se existe uma pessoa capaz de manter a calma, essa pessoa é o Max. Ou, pelo menos, finge muito bem estar totalmente tranquilo diante de situações perturbadoras. Ou ele simplesmente é tão frio que pouquíssimas coisas o abalam — me deixe entender o que se passa por essa cabecinha linda — ele diz enquanto passa a mão pelos meus cabelos.

Dou um tapa na sua mão, e ele gargalha.

— Primeiro, vamos achar o Darion — informo.